

**A qualidade da educação em um infográfico
do jornal *Folha de São Paulo***

The quality of education in an infographic
of the *Folha de São Paulo* news paper

Fabio Elias Verdiani Tfouni

Universidade Federal de Sergipe (UFS/Brasil)

Karolaine Nascimento Santos

Universidade Federal de Sergipe (UFS/Brasil)

RESUMO

Neste artigo, analisamos e discutimos os discursos e as imagens sobre a escola e a qualidade da educação no Brasil. O corpus é constituído de uma reportagem do jornal Folha de São Paulo, que apresenta e analisa um infográfico. Para tanto, Mobilizamos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (AD).

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Educação. Mídia.

ABSTRACT

In this article, we analyze and discuss discourses and images about school and the quality of education in Brazil. The corpus is made up of a report from Folha de São Paulo newspaper, which presents and analyzes an infographic. To this end, we mobilized the theoretical-methodological assumptions of the French Discourse Analysis (AD).

KEYWORDS: *Discourse. Education. Media.*

* Sobre os autores ver página 106

1 Introdução

Neste trabalho¹, analisamos, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (doravante AD), o discurso sobre a qualidade da educação a fim de compreender os discursos e as imagens sobre a escola e a educação no *corpus* analisado, que consiste em uma matéria publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 12/11/2015, intitulada “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”.

Sabe-se que a mídia é tida no senso comum como uma “formadora de opiniões” e que, por isso, ela consegue influenciar o seu grande público. A mídia é um participante importante no debate atual, não apenas sobre educação, mas, também, sobre a qualidade da educação no Brasil. Assim, investigar os discursos sobre a educação na mídia é de fundamental importância.

Uma das formações ideológicas mais influentes que circulam sobre a mídia é o discurso da informação e da neutralidade. Este é um discurso que concebe a informação como uma representação fiel da realidade que não seria carregada de nenhuma ideologia, que não seria tendenciosa ideologicamente, ou seja: a mídia seria meramente um veículo, um suporte para a informação que ela veicula, e sem tomada de posição. Assim, cria-se uma ilusão de verdade. Imerso nessa ilusão, o leitor pode ficar livre para ler o que o jornal veicula tomando seu discurso como verdadeiro.

Ora, sabe-se que um dos objetivos da AD é o de questionar as evidências (e as verdades) construídas pela ideologia. Por isso, a AD critica essa noção de informação, e prefere trabalhar com o conceito de “efeitos de sentido”. Trata-se, na análise, de tentar compreender como um texto funciona produzindo certos sentidos (bem como apagando e silenciando outros) que são sempre ideológicos, pois não existe sentido fora da ideologia.

Segundo Orlandi (2009), a língua é a materialidade específica do discurso e o discurso é a materialidade da ideologia. Assim, a AD busca compreender a relação entre língua, discurso e ideologia (ORLANDI, 2009). Ao mesmo tempo, como na AD não existe discurso sem sujeito, o sujeito é sujeito ideológico, ou seja: só existe sujeito porque existe ideologia (ORLANDI, 2009).

Na Análise de Discurso, os sentidos são produto das relações entre língua, história, sujeito e ideologia. Por isso, temos que considerar um vasto processo de construção dos sujeitos e de produção de sentidos, e não somente a transmissão de informação. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e, deste modo, têm efeitos múltiplos e variados.

Alguns autores tratam diretamente dessa influência da mídia sobre os leitores bem como na disseminação de imagens e ideologias. Conforme Gregolin (2007), as mídias realizam o papel de mediadores entre seus leitores e a realidade. Diremos que os textos que a mídia apresenta não são a realidade, mas sim uma construção que conduz e direciona o sujeito a uma certa interpretação desejada pela mídia. Ainda para Charaudeau (2010), “as mídias

¹ Parte do projeto de pesquisa intitulado – “O discurso sobre a educação e a escola em propagandas e na mídia” (TFOUNI, 2015) que teve como objetivo analisar os discursos e imagens sobre a escola e a educação no Brasil veiculados nas reportagens e/ou notícias do jornal *Folha de São Paulo*.

não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público” (CHARAUDEAU, 2010, p. 19).

Althusser apresenta a imprensa como aparelho ideológico do Estado (AIE). Esses aparelhos levam a cabo a reprodução da sociedade atual por meio dessa disseminação de ideologias. Vejamos a lista dos AIE segundo Althusser:

[...] podemos, de momento, consideraras as seguintes instituições como Aparelhos Ideológicos de Estado (a ordem em que as listamos não tem nenhuma importância particular):
o AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas);
o AIE escolar (O sistema das diferentes "escolas", publicas e particulares);
o AIE familiar;
o AIE jurídico;
o AIE político (O sistema político, incluindo os diferentes partidos);
o AIE sindical;
o AIE da informação (imprensa, radio e televisão etc.);
o AIE cultural (literatura, artes, esportes etc.)”.
(ALTHUSSER, 1999, p. 114-115)

Pêcheux e Fuchs (1993), seguindo Althusser, trabalham com o conceito de sujeito assujeitado. Com Pêcheux e Althusser, podemos afirmar que a mídia nos assujeita, reverberando e reproduzindo suas ideologias e seus discursos. É trabalhando com essas e outras referências teóricas que pretendemos analisar nosso *corpus*.

Voltando ao tema deste trabalho, defendemos a hipótese de que a matéria do jornal que analisamos discorre sobre quais seriam os fatores decisivos para uma educação de qualidade, e encaminha uma discussão sobre o que deve ser feito para o incremento da qualidade da educação no Brasil, tema muito debatido nos dias de hoje, sobre o qual a mídia tem papel importante.

2 Percorso teórico

A Análise de Discurso não é uma disciplina empirista que escolhe o *corpus* antes de qualquer consideração. O *corpus* é definido a partir de uma questão que o analista formula, e essa escolha pode se dar a partir de uma primeira leitura das materialidades chamadas empíricas. Na Análise de Discurso, temos um batimento constante entre a teoria e análise, que pode começar inclusive no momento da escolha do *corpus*. Por isso, a teoria e a pergunta do analista dirigem a escolha do *corpus*:

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para ‘reger’ a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação (ORLANDI, 1999, p. 65).

A escolha da reportagem que analisamos se deve ao fato de a mesma se enquadrar no objetivo da nossa pesquisa mais ampla e de, ao mesmo tempo, abordar a educação a partir de aspectos que temos visto como muito frequentes quando a mídia trata da educação: indicadores, gráficos e etc. Assim, pretendemos verificar que tipo de compreensão sobre esse tipo de material uma análise discursiva pode fornecer.

A AD é uma disciplina de interpretação, segundo a qual toda descrição já contém em si uma interpretação. Nas palavras de Orlandi: “não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação” (ORLANDI, 2009, p. 60). Nessa perspectiva, o analista, diferentemente do leitor comum, está munido de um dispositivo teórico e de um dispositivo analítico, que norteiam a análise e permitem que o analista não se perca no construto ideológico do texto.

Cabe ao analista questionar os sentidos do texto e os discursos, bem como os efeitos de evidência ideológica construídos pelo funcionamento simbólico do texto. Assim, o analista deve buscar o campo da polissemia, deve tentar abrir os sentidos do texto, desconfiando do efeito naturalizante do dito.

Para levar essa tarefa a cabo, vamos trabalhar com recortes discursivos que permitam fragmentar o texto e trabalhar unidades de sentido que devem ser remetidas sempre ao todo do texto e ao funcionamento do discurso.

A AD pode ser vista como uma disciplina indiciária, que busca pistas dos discursos na superfície textual. Por isso, vamos trabalhar também com o conceito de pista (GINZBURG, 2003).

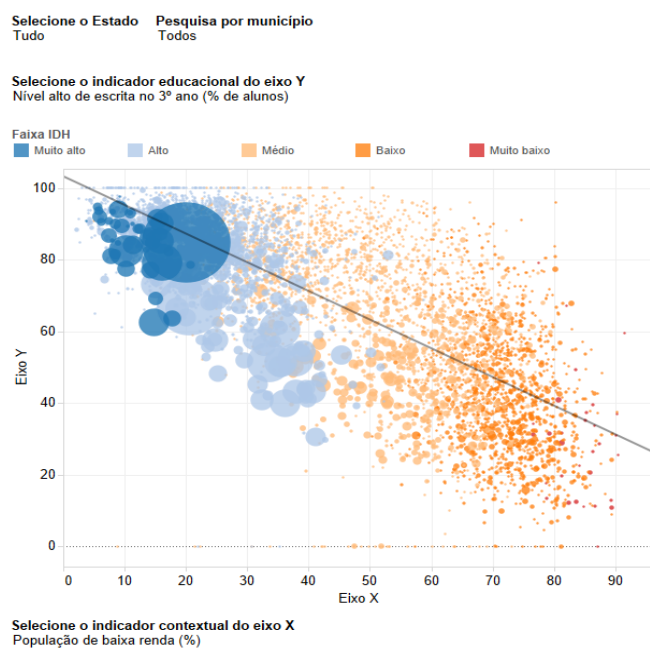
3 Análise do *corpus*

Como já dissemos, vamos analisar a notícia: “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”², publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 12/11/2015. A análise será levada a cabo a partir de recortes do *corpus*. Vamos trazer também recortes de uma matéria do site Todos Pela Educação³ assinado por Mariana Mandeli a fim de fazer dentro da própria mídia, um contraponto a alguns recortes da matéria da *Folha de São Paulo*. Os recortes 1 a 7 são do jornal *Folha de São Paulo*, e os recortes 8 a 10 são da fala de uma especialista na matéria do site Todos Pela Educação. A especialista é tipificada da seguinte maneira na reportagem: “Marli Eliza de Andre, professora da Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e especialista em formação de professores há cerca de 30 anos”. Com isso ela é caracterizada como uma autoridade autorizada a falar sobre a questão debatida. Trazemos abaixo o infográfico da *Folha de São Paulo* para que o leitor saiba do que estamos falando:

² Fonte: *Folha de São Paulo*, 12/11/2015, “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017. A matéria completa pode ser acessada pelo link.

³ Fonte: Sobre professores Brasileiros. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/35499/sobre-professores-brasileiros/?pag=258>. Acesso em 28/02/2016.

Figura 1. Infográfico da matéria “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”.



A matéria da *Folha de São Paulo* trata dos pontos importantes que, segundo o jornal, influenciam a qualidade da educação no Brasil. Para isto, o jornal utiliza informações estatísticas de todos os municípios do país que foram compilados em um gráfico de dispersão. Dentre as informações coletadas estavam os últimos resultados das avaliações feitas no ensino fundamental, o IDH, a renda da população, o tamanho das turmas e a qualidade da formação dos professores.

Junto com o gráfico, temos um texto. O texto é dividido em Três partes: a primeira - introdutória - descreve os dados, explica o infográfico e, como interpretá-lo. Essa primeira parte é dividida em 2 subseções. A primeira subseção não tem título. A segunda subseção é intitulada “Gráfico de dispersão”. A segunda parte tem o subtítulo “análise” e se propõe a interpretar o infográfico. Ao final temos a terceira e última seção intitulada “Descrição dos indicadores do infográfico” que pretende explicar os indicadores em questão.

O infográfico on-line é interativo, permitindo ao leitor fazer uma seleção das variáveis independentes (eixo x) e das variáveis dependentes (eixo y)⁴. No eixo x podemos escolher entre: IDH municipal, PIB per capita, população de baixa renda (%), média de alunos por turma, percentual de escolas com alta regularidade docente e outros. No eixo Y podemos escolher entre: Nível alto de leitura (3º Ano), nível alto de escrita (3º Ano), nível alto de matemática (3º ano), ou as notas de português e matemática na prova Brasil (5º e 9º anos). O artigo afirma que ao escolher um par X-Y, é possível verificar se

⁴ Sugerimos que o leitor entre no site para compreender melhor e para poder explorar todas as possibilidades do infográfico.

existe alguma relação entre X e Y e, “em que intensidade” No gráfico de dispersão é traçada uma linha cinza que indica se X e Y crescem juntos ou se um cresce e o outro diminui. Se a linha tiver pouca inclinação, a relação entre as variáveis é fraca.

O texto aparece no caderno “mercado” do jornal folha de São Paulo. Isso nos leva a interpretar que existe uma desterritorialização da educação que é invadida pelo mercado, e passa a ser abordada e compreendida a partir de uma visão administradora e do mercado. Passamos agora a analisar recortes do artigo jornalístico em questão. Vejamos a seguir os primeiros recortes, retirados, como foi dito, da Folha de São Paulo, 12/11/2015 (Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação):

Recorte 1: Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação.

Recorte 2: Quais são os aspectos que mais influenciam a qualidade da educação pública no país?

O recorte 1 é o título da matéria, e o recorte 2 é o enunciado de abertura, que inicia o texto. No recorte 1, notamos a presença do termo “mostra”, que remete ao campo do visível e que direciona a interpretação do leitor a algo que se vê, e que, sendo acessível aos olhos seria dado por sua evidência, não necessitando de interpretação. No entanto, para a AD não existe sentido sem interpretação, e, por isso, também não existe descrição pura, ou isenta. A descrição contém em si mesma a interpretação e, portanto, a ideologia é constitutiva, não apenas da interpretação, mas também da descrição. Afirma Orlandi: “O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia” (ORLANDI, p. 45)

Além disso, notamos que o termo “pública” que aparece no recorte 2, está silenciado (Orlandi) no recorte 1, a manchete do *corpus*. O efeito de sentido da manchete, ao excluir o especificador, é o de que a matéria vai tratar de todas as escolas. É possível que uma manchete genérica chame mais a atenção do leitor do que uma específica para a escola pública, o que aumentaria a força perlocucionária (AUSTIN, 1990) do enunciado para levar o leitor a ler a matéria. Ao silenciar (Orlandi, 1995) o “pública”, o enunciado pode delimitar o sujeito leitor enquanto interessado pela “educação”, mas não pela “educação pública”.

Na parte introdutória, operamos o recorte 3:

Recorte 3: A questão é complexa, mas para tentar encontrar tendências a Folha compilou informações estatísticas de todos os 5.570 municípios do Brasil.⁵

⁵ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015, “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

No recorte 3, o termo “complexo” é uma pista (GINBURG, 2003) de um cuidado, criando um efeito de advertência, de que o infográfico e as análises não devem ser tomados apressadamente. Na mesma linha, o significante “tendências” é mais suave que outros possíveis, como “respostas” e “conclusões”. Uma interpretação possível é a de que o jornal toma esses cuidados, pois, um tema complexo como o da qualidade da educação, provavelmente não será respondido em apenas uma matéria de jornal. Assim, o recorte 3 antecipa⁶ o leitor e já responde/rebate possíveis críticas ao conteúdo abordado.

Recorte 4: A tendência mais forte verificada foi entre a proporção de pessoas com baixa renda no município e o desempenho das crianças em escrita. Nesse caso, quanto maior o indicador de pobreza, menos alunos de oito anos conseguiram atingir alto nível na avaliação.⁷

No recorte 4 também temos a presença do termo “tendência”, como no recorte 3. Mas podemos acrescentar ao dito anteriormente, que esse termo é muito usado na análise de gráficos, indicando uma projeção, um sentido, como em: “a inflação está em tendência de alta” ou “o dólar está em tendência de baixa”. Trata-se de um significante próprio dos discursos burocrático e do mercado, o que indica a posição a partir da qual a educação é significada.

O enunciado (recorte 4) aponta a pobreza como o indicador que prejudica a qualidade da educação no Brasil. O aluno das camadas sociais desprivilegiadas fica em desvantagem com relação aos outros alunos. Se interpretarmos esse indicador à luz das teorias que tratam da reprodução social (e escolar) (ALTHUSSER, 1999; BOURDIEU e PASSERON, 2010) podemos dizer que esse seria o resultado esperado, uma vez que a educação seria, por excelência, a instituição que realiza a reprodução das desigualdades e da sociedade de classes. Os alunos de baixa renda teriam seu desempenho prejudicado, de modo que restaria a eles pouca chance de conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho, repetindo assim, o destino de seus pais. Vejamos agora o recorte 5:

Recorte 5: Outra relação significativa é quanto à formação dos professores. O desempenho dos alunos tende a ser melhor com maior proporção de professores com curso superior e formação específica.⁸

Neste recorte temos um indicador que influencia positivamente na qualidade na educação do Brasil: a formação especializada dos seus professores.

⁶ Pêcheux (1993) trabalha o conceito de antecipação no bojo das relações imaginárias.

⁷ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015, “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

⁸ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015, “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

As escolas com professores formados em cursos superiores e na área específica têm melhores resultados. Esse discurso da formação específica e em curso superior vem, a nosso ver, de um discurso burocrático e tecnicista que dá ênfase na formação técnica (estudar o conteúdo específico que vai lecionar, e estudar conteúdos de formação pedagógica), o que daria uma “garantia” de que o professor tem condições de lecionar, e que seria confirmada pelo diploma. Vale lembrar que a formação superior é uma “habilitação” (sujeito é formado com habilitação em licenciatura) ele possui ao mesmo tempo as habilidades e o documento que atesta sua “habilitação”. O recorte indica que o infográfico confirma esse discurso, colocando a formação do professor como tendo “relação significativa” com o desempenho dos alunos. Com isso, a formação permitiria ao professor falar com propriedade em sala de aula ao se apropriar do cientista (ver Orlandi 1996). Observemos agora o sexto recorte:

Recorte 6: Uma maior proporção de alunos reprovados pode indicar maior exigência da rede quanto ao desempenho, pois só passa de ano quem souber o conteúdo. Mas os dados mostram que a tendência, mesmo não sendo tão significativa, é inversa: as notas crescem conforme cai a taxa de reprovação.⁹

No recorte 6, notamos pistas de um discurso contra a reprovação, discurso que está presente na memória discursiva, pois a questão da aprovação automática tem sido bastante discutida e gerado polêmica. Tem sido questionado se o aluno deve ser aprovado automaticamente ou não? Na memória discursiva também temos esse discurso de que só deve ser aprovado o aluno que sabe o conteúdo. O recorte 6 sustenta, enquanto argumento, que isso não procede, o que podemos notar com a presença, depois da adversativa “mas”, de um enunciado que sustenta a redução da “taxa de reprovação”. No entanto, é bom notar também que o recorte 6 afirma isso mesmo com “a tendência [...] não sendo tão significativa”. Se a reportagem trata de um infográfico, por que incluir no seu tratamento uma questão não significativa estatisticamente? Isso permite estabelecer uma intertextualidade com os recortes 1 e 2. Principalmente o 2, que pergunta: “*Quais são os aspectos que mais influenciam a qualidade da educação pública no país?*”. O recorte 6, por não ser significativo estaria, a nosso ver, fora do escopo das questões levantadas pela reportagem.

Ainda sobre o recorte 6, que trata das notas baixas, podemos perguntar: Nota baixa é do aluno pobre, com poucas condições? Se for, então a questão não é quanto o aluno aprende, mas a questão da reprodução social, como vimos na análise do recorte 4. Passemos ao recorte 7:

⁹ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015, “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

Recorte 7: Outras variáveis não parecem guardar qualquer relação com desempenho, como o tamanho das turmas ou a regularidade dos professores (permanência na mesma escola por vários anos).¹⁰

Como a memória discursiva nos aponta que o tamanho das turmas e a regularidade dos docentes são, sim, fatores relevantes na qualidade da educação, a fim de questionar o dito no recorte 7 trazemos a fala da especialista Marli Eliza de Andre, no recorte 8, retirado de uma reportagem do site todos pela educação:

Recorte 8: Creio que fixar-se em uma escola tem a grande vantagem de que o professor pode se beneficiar da constituição de um coletivo escolar, coordenado pela equipe gestora, que pode organizar os tempos escolares para a implementação do projeto político pedagógico, que deverá ser construído, implementado e avaliado pelo conjunto dos educadores”, explica a professora Marli. “Será possível, ainda, beneficiar-se das formações em contexto, voltadas para as questões de sala de aula e daquela escola em particular, o que contribuirá certamente para uma ação profissional de qualidade.¹¹

Notamos que a opinião da especialista (recorte 8) contradiz a matéria da folha (recorte 7). Assim, seria prudente uma atitude que guarde um distanciamento, sem adesão imediata ao infográfico, inclusive na medida em que a ideia segundo a qual a regularidade dos professores não teria nenhuma relação com a qualidade o ensino pode servir de argumento para a precarização do trabalho docente em um mundo no qual o trabalho precário avança. Passamos aos recortes 9 e 10, nos quais a fala da especialista Marli Eliza de Andre, da reportagem do site todos pela educação aborda a questão do tamanho das turmas, aspecto que a matéria do jornal Folha de São Paulo considera não fazer diferença na qualidade da educação:

Recorte 9: É estressante ter turmas muito grandes e em diferentes níveis, o que vai exigir vários planejamentos e muitas horas para correção de trabalhos [...].¹²

Recorte 10: Ela também lembra que, quando há menos alunos, o vínculo entre o docente e a turma se fortalece, o que pode ser positivo para a aprendizagem. “Os problemas são percebidos na

¹⁰ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015,” Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

¹¹ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015,” Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

¹² Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015,” Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

interação com o aluno. Quando o professor conhece bem a realidade desse aluno e do entorno da escola – o seu território –, ele fica mais atento individualmente e ao grupo em aspectos como interesse e motivação e também à própria atuação”, diz.¹³

Nos recortes 9 e 10, a opinião da especialista também contradiz a reportagem do Jornal Folha de São Paulo no que tange à questão do tamanho das turmas, afirmando que turmas com poucos alunos podem ter resultado melhor do que turmas com muitos alunos.

Embora de um ponto de vista discursivo, os recortes 9 e 10 sustentem uma posição diferente daquela da reportagem da *Folha de São Paulo*, de um ponto de vista argumentativo, nesses recortes temos o que a retórica denomina de argumento de autoridade, com uma especialista em educação afirmando que o tamanho das turmas influi na qualidade da educação e do ensino, ou pelo menos, que turmas menores podem ter impacto positivo na aprendizagem.

4 Considerações finais

O uso pelo jornal de um gráfico de dispersão e da estatística para tratar a educação indica que esse discurso está atravessado por um discurso burocrático que aborda a educação por meio de indicadores. Isso indica também que os processos próprios da educação ficam silenciados ou em segundo plano.

Ao mesmo tempo o uso de indicadores, números, gráficos e tabelas dão um “tom de ciência exata” à reportagem, o que serve de sustentação aos efeitos de sentidos e aos efeitos de verdade e evidência que circulam no texto. Isso se dá mesmo com a reportagem tentando modalizar seu discurso com termos como “questão complexa”. Essa modalização passa ao largo da direção interpretativa dada ao assunto na reportagem.

Notamos também que certas questões próprias da educação como número de alunos por turma, regularidade dos professores são tratadas de maneira superficial na reportagem, concluindo-se apenas que essas “*variáveis não parecem guardar qualquer relação com desempenho*” (recorte 7). Por isso, buscamos na própria mídia discursos que ao menos levantem a dúvida e contrariem esses dados, por meio da fala de uma especialista (recortes 8, 9 e 10).

A regularidade do professor, por exemplo, pode ser ao menos comparada com a questão da rotatividade no mercado de trabalho em geral. É sabido que o *turn over* no mercado de trabalho é uma preocupação do gerenciamento de vários tipos de empresas e recorrente em trabalhos da área de administração. Então, perguntamos: por que essa questão é tratada de forma superficial pela reportagem?

A ênfase no desempenho dos alunos nas provas, também é um reforço apontando na direção de que se buscam apenas os resultados evitando problematizar os processos. Isso pode ser uma pista ou início de que também

¹³ Fonte: Folha de São Paulo, 12/11/2015, “Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>. Acesso em 04/10/2017.

estaria funcionando aí um discurso da razão instrumental no qual a escola seria um organismo para gerar adultos bem instrumentalizados em escrita, leitura matemática.

Por meio desses passos as ideologias do jornal são transmitidas para seu público, e este pode acabar mudando o seu ponto de vista ou simplesmente “formando sua opinião” por meio do referido jornal.

O uso do infográfico numa abordagem estatística é uma pista (GINZBURG, 2003), a nosso ver, de que o tema da educação é abordado por discurso burocrático, baseado em princípios racionais, matemáticos e impessoais, e que tende a tratar a educação a partir de indicadores. Existe, então, um silenciamento daquilo que é próprio da educação como os métodos de ensino, por exemplo. Além disso, esse tipo de abordagem coloca ênfase apenas nos resultados tidos como “bons” ou “ruins” deixando de lado a complexidade do processo educativo. Trata-se de um discurso classificador, cujo objetivo é gerir, é gerenciar a educação. Assim, o discurso aqui presente é um discurso do âmbito da administração (tanto pública como privada) que faz uso de indicadores e avaliações para exercer o poder por meio de uma estrutura burocrática.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (Org.): **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1ª reimpressão, 1999.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: Palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010, 2ª ed.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: ____ **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª edição, 1ª reimpressão, 2003
- GREGOLIN, M. R. Análise de Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: _____. **Mídia, comunicação e consumo**, São Paulo, v.4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- MONTEIRO, André. Infográfico mostra aspectos que mais influenciam a qualidade da educação. Jornal **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705279-infografico-mostra-aspectos-que-mais-influenciam-a-qualidade-da-educacao.shtml>>. Acesso em: 19 fev. 2016.
- ORLANDI, E. P. O discurso pedagógico: a circularidade. In: _____. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996. p. 15-23.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. 189p.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PECHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: Gadet, F & HAK, T. **Por Uma Análise Automática do Discurso** - Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas. Ed Unicamp, 2ª. edição. 1993. p. 61- 161

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, F & HAK, T. **Por Uma Análise Automática do Discurso** - Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas. Ed Unicamp, 2ª. edição. 1993. p.163-252.

AUTOR. **O discurso sobre a educação e a escola em propagandas e na mídia**. Projeto de Pesquisa. UFS. 2015.

MANDELI, Mariana. Sobre professores Brasileiros. **Todos pela educação**. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/35499/sobre-professores-brasileiros/?pag=258>>. Acesso em 28/02/2016.

Recebido em 18 de abril de 2018.

Aprovado em 25 agosto de 2018.

Publicado em 30 de dezembro de 2018.

SOBRE OS AUTORES

Fabio Elias Verdiani Tfouni é doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). É mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (2010). É Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Discurso, slogan, fetichização.
E-mail: fabiotfouni@hotmail.com

Karolaine Nascimento Santos é graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. É Bacharela em Teologia pelo Instituto de Teologia São João XXIII na Diocese de Estância/ SE. Foi bolsista, por dois anos seguidos (2015-2016; 2016-2017), no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Atualmente é mediadora da disciplina Língua Portuguesa do projeto do Ministério da Educação (MEC), o Projeto Novo Mais Educação.
E-mail: karolaine-kns@hotmail.com